

DO “MAL-ESTAR DA CIVILIZAÇÃO” À ÉTICA DA SINGULARIDADE.

Didier Castanet

Lacan foi o único na sua época a avançar, não apenas sua explicação da ameaça do mal-estar que pesa sobre nossa civilização, mas também da maneira como poderíamos nos encontrar aliviados dele, um pouco como a tragédia da antiguidade era suscetível de provocar uma catarse, uma depuração no espectador. Nessa perspectiva, Lacan se apoiará amplamente no texto de Freud, "Mal-estar na civilização". E antes de tudo, na medida em que, como Freud, ele não hesita em trazer uma certa verdade das relações humanas, tal como se revela em nossa experiência e tentar explicá-la teoricamente. A este respeito, e tendo em conta a situação histórica diferente (estamos em 1930), o último parágrafo de Mal-estar na civilização situa-se na mesma ordem da responsabilidade ética que o início da lição de 18 de maio de 1960 do Seminário "A Ética da Psicanálise".

Na mesma ordem de ideias, Lacan, como Freud, será conduzido, a partir das posições éticas que lhe são impostas pela prática da experiência psicanalítica, a se dirigir aos seus colegas analistas e aos intelectuais de seu tempo. No que diz respeito aos psicanalistas, Lacan denuncia em diversas ocasiões o que chama de pastoral analítica, os proponentes do amor genital, de uma harmonia natural com o objeto que a psicanálise permitiria redescobrir. Em Mal-estar na civilização, Freud pede aos analistas que levem em conta, com base na experiência, o que lhe parece indubitável, a saber, a pulsão de morte. Intelectuais fora do campo da psicanálise também são questionados por Freud e Lacan sobre suas posições públicas e sobre a responsabilidade que lhes é atribuída. Freud zomba daqueles que ele chama de babás, que querem domar Eros e Thanatos e acabar com sua eterna luta cantando canções de ninar. Lacan, por sua vez, aponta o que ele chama de *knavery*, canalhas de direita e *forlery*, a estupidez de esquerda. Parece-me que compreendemos melhor o sentido dessas críticas se tivermos em mente o contexto histórico da época.

"O desenvolvimento da civilização", Freud nos diz antes de tudo, "aparece para nós como um processo de um tipo particular que ocorre 'acima' da humanidade e cujas muitas particularidades, no entanto, nos dão a sensação de algo que nos seria familiar. Podemos caracterizar esse processo por meio das modificações que ele provoca nos elementos fundamentais bem conhecidos que são os instintos dos homens, instintos cuja satisfação constitui, no entanto, a grande tarefa econômica de nossa vida". (Mal-estar na civilização,

p.46, francês). Essas modificações podem ser resumidas no estabelecimento de um duplo conflito.

Primeiro, um conflito relativo à pulsão sexual, entre as demandas do indivíduo e as da sociedade, que quer utilizar parte dessa pulsão para fins sublimados. Esse conflito não parece insolúvel para Freud, que o compara à distribuição provável de ocorrer no indivíduo entre a libido objetal e a libido narcísica.

Por outro lado, e sobretudo, um conflito entre Eros e a pulsão de morte, a pulsão de destruição. E Freud nos diz que esse conflito lhe parece insolúvel. É a necessidade dessa pulsão destrutiva a ser reprimida, que é paga pelo sujeito do sentimento de culpa e que se traduz na escala social na forma de mal-estar, de um descontentamento.

E Freud desenvolve neste ponto a teoria do superego que lhe permite explicar a necessidade da punição, ou seja, a inversão da pulsão agressiva contra o próprio sujeito nesta perspectiva a consciência moral é consequência da renúncia aos impulsos. Eis o que explica o paradoxo segundo o qual a renúncia engendra o superego que, portanto, exige outras renúncias. É o que Lacan chamará de gula estrutural do superego.

Mais um ponto a respeito do Mal-estar na civilização e que Lacan é levado a desenvolvê-lo amplamente em uma aula do seminário, ele diz respeito ao mandamento “Amar o próximo como a si mesmo” que, como sabemos, é inaceitável para Freud. Ele nos diz, depois de rejeitar suas consequências, que tal ordem absurda atesta a grande importância da pulsão destrutiva e a necessidade de reprimi-la.

É sobre esse ponto do amor ao próximo que Lacan será levado a estender Freud e de certa forma se distanciar dele. De fato, Lacan nos diz que, se as observações de Freud sobre esse mandamento estão corretas, ele, no entanto, suprime o essencial, isto é, ao acesso ao gozo. Sobre esse ponto cito Lacan: “Podemos nos basear nisto, que cada vez que Freud se detém horrorizado, diante da consequência do mandamento do amor ao próximo, o que surge, é a presença dessa maldade fundamental que mora neste vizinho”. (Lacan, Seminário “A Ética da Psicanálise” p. 219, francês).

O gozo funde-se aqui com o mal, a tendência natural do ser humano – Lacan cita Freud em Mal-estar na civilização – sendo maldade, agressão, destruição, crueldade, exploração e humilhação do outro, sua utilização para fins sexuais, e a tendência de martirizá-lo e matá-lo. Daí a desumanidade (freudiana) do mandamento cristão de amar o próximo como a si mesmo, mandamento particularmente cruel porque se trata de amar a crueldade.

Para Lacan, esse mandamento único do cristianismo resulta da morte de Deus: Deus sempre esteve morto, só ele não o sabia. O que Lacan simboliza em S (A barrado). A resistência a esse mandamento

é a mesma que aquela do acesso ao gozo. Ver Seminário “A Ética da Psicanálise” p. 217 (francês).

Tudo isso permite retomar com Lacan a razão do mal-estar na civilização e, ao mesmo tempo, abrir-se à singularidade.

É através do significante, que se encontra descompletado pela articulação da palavra que se configura o campo de *Das Ding* como imediatamente perdido e sempre a ser reencontrado (campo da não relação, do real, do buraco, do nada) que o analista, e esta é uma das conclusões do Seminário de Ética, deve permitir que o analisando avance e se oriente a partir do que vem a ser apresentado em relação ao significante.

Mais do que a razão do mal-estar na civilização, o analista terá a tarefa, entre outras coisas, de permitir que o sujeito aceite falar em seu nome próprio, e assim fazer com que ele escute suas palavras para alcançar esse gozo que ele "aceitou" desse mal-estar. Em outras palavras, ele recupera seu lugar de sujeito dividido pelo significante.

Tradução: Andréa H. Fernandes